

PREFÁCIO

Atendendo a que este importante novo livro de Pedro Silva usa lentes culturais para ver a relação escola-família, nós oferecemos um prefácio intercultural. As nossas breves mensagens para apresentar o livro serão bifocais e bilaterais dado que provêm de duas perspectivas diferentes, modeladas pela cultura nacional de que cada uma constitui uma parte, assim como por diferentes experiências e formação académica.

A PERSPECTIVA AMERICANA DE DON DAVIES

Encontro três contributos completamente distintos da parte desta obra que poderão revelar-se particularmente significativos em Portugal e, na verdade, também no meu próprio país.

1) O livro mostra o quanto se pode aprender através de um bom estudo etnográfico sobre as escolas e suas comunidades, algo que amiúde se perde com outras formas de pesquisa.

Bons trabalhos de campo, durante muito tempo dominantes na antropologia, foram muitas vezes evitados pelos que estudam escolas em troca de inquéritos por questionário, estudos quase-experimentais, análises quantitativas. Isto poderá ser mais verdade nos Estados Unidos do que na Europa Ocidental.

Alguns exemplos das vantagens de uma abordagem etnográfica:

- A forte influência da classe social em todos os aspectos da relação escola-família. Uma análise da classe social é geralmente evitada na bibliografia americana sobre o envolvimento parental nas escolas. Isto reflecte a crença (ou o desejo) americano, largamente espalhado, de que nós criamos uma sociedade sem classes, bem como o desejo de muitos académicos americanos de evitarem ser rotulados de marxistas.*
- A importância e dominação em muitas escolas primárias portuguesas dos pais que são também professores e que bastantes vezes têm um nível de escolaridade e um estatuto*

mais elevados do que os dos professores das escolas que os seus filhos frequentam. Muitos destes professores foram formados antes do 25 de Abril. Pedro Silva poderá ser o primeiro investigador nesta área a salientar este fenómeno e a procurar explicar e discutir de um modo útil o seu impacto nas relações entre pais e professores.

- O impressionante fosso entre a retórica dos professores e a sua prática. Este fosso entre discurso e comportamento está longe de se limitar a Portugal ou ao campo da relação escola-família, mas consiste, de qualquer das maneiras, num tema de forte impacto no livro de Pedro Silva. Estreitamente ligado a este ponto está o do reconhecimento de que existe um fosso semelhante entre a legislação e a sua implementação.

2) O livro também salienta o facto de que muito do pensamento e da escrita acerca das ideias e das práticas do envolvimento parental e das relações escola-comunidade podem revelar-se enganadores, a menos que estejam inscritos num sólido contexto histórico e político e num claro quadro teórico.

Dois interessantes exemplos ilustram este ponto:

- O autor sublinha que não se tornou visível um movimento parental participativo durante o período revolucionário pós-25 de Abril, período em que se registaram vários importantes movimentos populares concomitantes com uma profunda transformação do currículo e do governo escolares.
- A emergência da participação parental como resposta a uma crise de legitimação do Estado. Silva assenta de um modo interessante nos estudos prévios de Nicholas Beattie sobre vários países ocidentais. Este aspecto da ênfase em variadas formas de participação parental foi também objecto de atenção por parte de cientistas políticos nos Estados Unidos durante os anos 60, um período de múltiplas crises de legitimação da governação.

3) A análise e as recomendações do autor confirmam a minha crença, há muito enraizada, de que a colaboração escola-pais poderá contribuir para a democratização da escola e da sociedade apenas se as atitudes e as práticas tipicamente encontradas naquela relação forem radicalmente transformadas.

Muitas das práticas e atitudes descritas no estudo de Pedro Silva em três escolas primárias são claramente inconsistentes com a maioria dos princípios aceites de democracia e de justiça social. Vários estudos noutros países, incluindo os E.U.A., por autores como Annette Lareau, são referidos neste livro. Eles também representam um desafio às reivindicações daqueles que, como eu, apregoam que a participação parental contribui para o desenvolvimento de escolas e de comunidades mais democráticas. Mas Pedro Silva sustentaria, como eu sustento, que o potencial está lá. As escolas podem tornar-se laboratórios de democracia. A participação parental pode ajudar as pessoas, independentemente das barreiras de classe social, a desenvolverem o capital cultural e político de que necessitam para se tornarem participantes mais eficazes nos assuntos da escola e da comunidade.

O capital político inclui aspectos tais como compreender como o sistema funciona e como ter um efeito nas decisões públicas. Significa também ter acesso às pessoas que dirigem o sistema educativo e uma voz no processo político. Há exemplos espalhados pela bibliografia e no estudo de Pedro Silva de relações escola-pais que contribuem para tal aprendizagem.

Contudo, este livro ajuda a sugerir – tanto directa como indirectamente – os tipos de mudanças na atitude e nas práticas que são necessárias caso a participação parental e novas relações escola-família-comunidade visem, de facto e não apenas no discurso, contribuir para o desenvolvimento de escolas e de comunidades mais democráticas.

A PERSPECTIVA PORTUGUESA DE STEVE STOER

Aceitando o desafio de Don Davies de participar na elaboração de um «prefácio intercultural» para o livro de Pedro Silva, retomo os seus três comentários a esse livro no sentido de os rever através do prisma cultural de alguém que trabalha em Portugal.

Partilhámos os dois bastantes anos de trabalho com Pedro Silva, não só ao nível de orientação das suas dissertações de mestrado e de doutoramento, mas também em vários projectos que tinham como objecto de estudo a relação escola-família. Num certo sentido, pode dizer-se que esta relação tem sido simultaneamente a paixão e a obsessão de Pedro Silva ao longo de mais de 20 anos de carreira como sociólogo particularmente virado para as questões da educação. Este livro constitui uma excelente síntese destes sentimentos limite da parte de Pedro Silva, especialmente quando se pode verificar que ele tem sabido temperar os seus excessos (quer com prolongada reflexão quer com cuidado metodológico) sem pôr em causa a contribuição que implicam para o sabor do produto final.

O primeiro comentário de Don Davies elogia as vantagens de um estudo etnográfico da escola e da comunidade, especialmente num país como os EUA onde os métodos quantitativos têm dominado no campo da Sociologia da Educação. De facto, ao longo de dois anos lectivos em três comunidades educativas, Pedro Silva realizou um estudo rigoroso onde a sua grande tarefa acabou por ser encontrar uma maneira de deixar os dados recolhidos falar por si, respeitando o mais possível a veracidade dos dados, mas não deixando de cumprir o seu papel de intérprete sociológico desses mesmos dados. O input sociológico, como refere Davies, está presente na análise da relação escola-família na base da variável de classe social, o que, no contexto português, não causa estranheza mas, ao contrário, ajuda a compreender a natureza das diferentes relações estabelecidas entre as escolas e as famílias observadas. Também aqui o estudo traz luz para a situação tão frequente e tão complexa de pais que são igualmente professores e professores que são igualmente pais.

De facto, o que tem sido chamado o «Estado paralelo» está presente neste trabalho de Pedro Silva e relaciona-se com o que Don Davies identifica como uma espécie de «pedagogia paralela», isto é, existe muitas vezes um fosso entre as «filosofias de ensino/aprendizagem» dos professores e as suas práticas. Embora seja difícil dizer se isto é um fenómeno mais presente na realidade portuguesa, certamente se pode dizer que as consequências negativas

deste fosso parecem ser mais destacadas devido à tradicional falta de autonomia (outorgada) dos professores portugueses num Estado exageradamente centralizado.

O segundo comentário de Don Davies diz respeito à importância de uma análise sociológica aprofundada para fundamentar o pensamento e a acção sobre a relação escola-família e o envolvimento dos pais na educação escolar dos seus filhos. De facto, o pressuposto que está na base do livro de Pedro Silva é o de que uma boa relação entre a escola e a família, uma relação de colaboração, favorece o desenvolvimento da relação pedagógica (destaca-se as virtudes da participação parental). A contribuição da análise sociológica baseada num estudo etnográfico revela-se na sua capacidade para não só interrogar esse pressuposto como levantar pistas para possíveis respostas a toda uma série de questões incluindo, por exemplo, que tipo de relação de colaboração entre a escola e a família é que se quer desenvolver? E como desenvolvê-la? Como é que os agentes educativos vêem os encarregados de educação? Quais as representações que pais e professores têm da escola e da relação escola-família?

O livro traça o desenvolvimento da relação escola-família na legislação e faz a análise sociológica dos pais: alguns são mais iguais que outros. Também apresenta a pesquisa etnográfica realizada para ilustrar como a relação escola-família se manifesta no 1º ciclo do ensino básico em Portugal. A tese focaliza a interface escola-família: que relações entre escola(s) e família(s) constituem esta interface? É nesta interface que se desenvolve a parceria entre escola e família? Quais as regras e os limites deste desenvolvimento? Pode distinguir-se entre o pai/mãe colaborador e o pai/mãe parceiro? Fala-se de uma relação entre culturas – desiguais e de natureza diferente. Será que a cultura da escola reconhece a sua própria incompletude? Que saberes locais são trabalhados na e pela escola? Em síntese: constata-se neste trabalho que a análise sociológica baseada num estudo empírico rigoroso pode ajudar a fundamentar algumas respostas sobre a complexa relação entre escolas e famílias (e quem diz famílias também diz, neste caso, comunidades).

O terceiro comentário de Don Davies declara que a análise de Pedro Silva da relação escola-família confirma a possibilidade da colaboração entre escola e família poder contribuir para a democratização da escola e da sociedade se houver uma mudança profunda nas atitudes e práticas tipicamente encontradas nessa relação. Num momento em que a escola está a sofrer uma crise baseada no seu próprio sucesso – nunca houve tanta escola como existe hoje em dia e fala-se na sua continuada expansão –, onde a escola é responsabilizada por problemas sociais que ultrapassam em larga medida a sua capacidade de resposta, percebe-se que a própria relação escola-família também se encontra em vias de reconfiguração. É por isso que o estudo de Pedro Silva se torna tão pertinente, porque, como acima referimos, levanta questões sobre esta relação no contexto da sua história concreta e no contexto de mudança rápida associado com a época que estamos a viver.

Que escola para que família? Ou que família para que escola? Qual o modelo de cada que o Estado propõe? E que tipo de encarregado de educação é que se quer construir? Há uma resposta que o modelo neo-liberal da educação oferece e que concebe este último sobretudo como consumidor. E num país como Portugal, situado na periferia da Europa, como é? Os pais organizam-se ou são organizados (pelo Estado, por exemplo) face à escola? Quais os inte-

resses que as suas organizações/associações representam e como funciona a participação parental? E que efeitos tem a escola como organização? Eis algumas das preocupações deste livro de Pedro Silva, que passam pelo reconhecimento da heterogeneidade das próprias comunidades onde as escolas se encontram. Uma escola aberta para a comunidade envolvente implica uma escola ela própria baseada no bilinguismo cultural. Contudo, a metáfora da escola aberta precisa de ser questionada para que não oculte um processo em que se jogam as necessidades rotineiras de certos pais e o poder e controlo profissionais dos professores.

PALAVRAS FINAIS

Após a experiência que foi a construção deste livro, com certeza que a identidade de Pedro Silva exhibe sinais de hibridiz! É natural que assim seja e é também isto que torna a sua obra interessante para diversos públicos. Afinal a sua paixão transformou a sua obsessão numa preocupação partilhada por todos nós. Assim, sentimo-nos como parceiros deste projecto inacabado.

Don Davies
Steve Stoer